R

AUGUSTO LA FERE

ARS VERBI

R

AUGUSTO LA FERE

R

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

CRÉDITOS

R
© 2014 Augusto La Fere
Publicado por *Ars Verbi*™
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital
ISBN: 978-65-988749-5-7

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).
Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:
— Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
— Não a utilize para fins comerciais;
— Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite: https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

DEDICATÓRIA

Ao que repousa no intervalo,
ao gesto que não chegou,
à palavra guardada
no silêncio que persiste.

"Eu te amo como és.
Só não desejo alimentar-te
com meu desespero.
Uma lanterna acendeu-se nas bordas
de tua montanha como gargantas
que se iluminassem ao eco bem amado.

Subitamente fiquei à espera
de teu silêncio e de tua noite,
mas vi que de teu silêncio
emergia um rosto sem nome
e a tua solidão era enorme."

— Carlos Nejar

Sumário

I - A PRIMEIRA LUZ 1
1. A porta entreaberta 2
2. Voz de jardim 3
3. Ao lado da moldura 4
4. A lua sobre a rua 5
5. As horas antes do chá 6
6. O lenço de maio 7
7. Caneta azul 8
8. Dois toques 9
9. Os sapatos dela 10
10. Primeira rosa 11
II - O SILÊNCIO QUE DIZ 12
11. Carta que não se deu 13
12. O assento vazio 14
13. O papel repousado 15
14. Café solúvel 16
15. O brinco que brilhou 17
16. Garoa na janela 18
17. Olhar duro 19
18. A ponte de um só lado 20
19. Nem sim, nem não 21
20. O relógio às seis e doze 22
III - O ESPELHO PARTIDO 23
21. O terceiro copo 24
22. Persianas de motel 25
23. Onde o cinto caiu 26
24. O Lugar que não se nomeia 27
25. O trigo que murchou 28
26. Rosto no retrovisor 29
27. Faróis acesos de dia 30
28. Guardanapo com batom 31
29. Página em branco 32
30. Nada se moveu 33
IV - O JARDIM EM RUÍNAS 34
31. O banco do parque 35
32. Há cravos no entulho 36
33. Um véu sem noiva 37
34. O muro com grafite 38
35. Vestígios no azulejo 39
36. A cor do perfume 40

37. O guarda-chuva esquecido....41
38. A casa onde não entramos....42
39. Toalha de mesa....43
40. Pedra sobre poema....44
V - O POÇO E O CÉU....45
41. O nome que guardei....46
42. Espelho de parede....47
43. O poço é meu....48
44. Luz pela fresta....49
45. Aprendi a não chamar....50
46. Ela não é mais ela....51
47. O vento não traz....52
48. Capítulo de ninguém....53
49. Faltava a dor....54
50. Ronize....55

A claridade não chega de súbito.
Vem pela fresta, pela dobra,
pela lembrança de um rosto que não se diz.
Toda manhã começa
quando o silêncio encontra um corpo
que ainda hesita em permanecer.

I – A Primeira Luz

1. A porta entreaberta

A maçaneta cedeu sem urgência.
Não empurrei.
O vão bastava.

Estavas de costas,
junto à janela,
como quem ouve o que não se diz.

Na mesa, um envelope fechado.
Na cadeira, o casaco de linho.
No chão,
nada fora do lugar.

Respirei como quem invade
o espaço de outro.
E parei.

Não houve palavra.
Nem sombra.
Mas desde então,
nenhuma porta me pareceu inteira.

2. Voz de jardim

Falavas com o jardineiro
sobre lavanda e ferrugem.
A voz — baixa, medida —
caía entre as folhas
sem feri-las.

Fiquei no portão,
sem anunciar.
Ouvir bastava.

As palavras, poucas,
tinham o peso do necessário.
Não dizias meu nome,
mas algo em ti
me alcançava.

Na terra úmida,
o homem sorria.
E tu, sem ver,
plantavas em mim
o que não colherias.

3. Ao lado da moldura

Na parede branca,
entre o retrato e a sombra,
ficava teu lugar
quando não estavas.

Não era ausência,
mas intervalo.
O tipo de silêncio
que se aprende a respeitar.

Um dia,
penduraste ali um espelho.
Pequeno, oval,
sem moldura.

Vi meu rosto
pela metade.
E o teu —
nunca.

4. A lua sobre a rua

Era cedo.
As luzes da rua ainda venciam a manhã.
Tu passavas,
sempre à mesma hora,
sem olhar para o lado.

Eu fingia ler o jornal
ou ajustar a manga.
Mas via —
a mesma bolsa,
o mesmo coque,
o passo sem pressa
de quem conhece o trajeto por dentro.

A lua ainda pendia no alto,
como quem te escoltasse.
E eu,
em silêncio,
agradecia por não ser notado.

5. As horas antes do chá

Tu chegavas sempre às quatro.
Mas o encanto vinha antes.

Às três, eu já dispunha a mesa.
Dobrava o guardanapo
como quem dobra um voto.
As xícaras: porcelana fina,
sem ouro —
mas com peso.

A água, no ponto.
O silêncio, em ponto.
E o relógio da sala parecia conter a respiração.

Nem sempre vieste.
Mas eu mantinha o rito.
Porque há presenças
que se honram
mesmo na espera.

6. O lenço de maio

Ficou no banco,
ao lado do livro que não levaste.

Era branco,
com borda azul-clara,
como os lenços antigos
que ainda sabiam despedir.

Peguei sem tocar.
Guardei sem dobrar.
Havia ali o perfume breve
dos gestos que não voltam.

Disseram que o vento o levou.
Mentiram.
Foi comigo,
no bolso do paletó
que só uso para lembranças.

7. Caneta azul

Deixaste sobre a mesa.
Sem tampa.
Com o nome riscado —
mas teu.

Usei-a por descuido,
num bilhete sem importância.
A tinta falhava.
E mesmo assim
guardei o papel.

Não pelo que escrevi.
Mas porque ali,
pela primeira vez,
teu traço
seguiu o meu.

8. Dois toques

Chovia,
e tu vieste.
Sem guarda-chuva,
com um gesto de pressa contida.

Bateste na vidraça
— duas vezes —
como quem pede licença
sem querer entrar.

Abri.
Não disseste nada.
Também não era preciso.

Havia em ti
um cansaço educado,
um pedido que não se faz.

Secaste os ombros com o lenço.
Depois partiste.
A chuva continuou.
Mas, naquela tarde,
molhou menos.

9. Os sapatos dela

Eram pretos,
de salto baixo,
com uma dobra sutil na lateral.

Sempre limpos,
mas com marcas
de quem anda mais do que diz.

Reconhecia o som
antes da curva do corredor.
Não era passo —
era presença.

Certa vez,
um ficou virado,
como se tivesse hesitado.

Arrumei.
E, por um instante,
tive a ilusão
de que ela voltaria.

10. Primeira rosa

Não entreguei.
Ficou no envelope,
sem nome,
sem data.

Era branca,
mas ruborizou no papel
como quem adivinha o destino.

Deixei sobre tua mesa
no dia em que choviam ordens.
Ninguém notou.
Tu também não.

No fim da tarde,
foi varrida com os papéis comuns.

A flor, não.
Ela ainda está comigo —
sem cor,
mas intacta.

Não é a palavra que pesa,
mas o intervalo em que ela não veio.
Entre o sim e o não
há um chão onde ninguém pisa.
E é ali, nesse vão,
que a memória acende sua morada.

II - O Silêncio que Diz

11. Carta que não se deu

Escrevi num papel encorpado,
à tinta,
com letra firme.

Não era súplica,
nem oferta.
Era só presença escrita
com a dignidade do que não se exige.

Dobrei três vezes.
Assinei apenas com o tempo.

Mas à porta —
hesitei.

A carta ficou no bolso
por semanas.
Depois no fundo da gaveta.
Hoje,
é só dobra
no que restou de mim.

12. O assento vazio

Era sempre o mesmo —
ao lado da janela,
com vista para o jardim onde nada crescia.

Tu escolhias outro,
mais ao fundo,
entre a sombra e o ruído.

O assento ficava ali,
limpo, disponível,
como quem espera
sem esperança.

Certa manhã,
houve chuva e faltas.
O lugar foi tomado
por alguém que nada sabia.

E, mesmo assim,
não tive coragem
de sentar em outro.

13. O papel repousado

Foi num intervalo breve,
entre o repique do telefone
e o soar do sino antigo.

Tu leste.
Com os olhos imóveis,
como quem confere a previsão do tempo.

Não enrugaste o papel.
Nem devolveste.
Apenas repousaste sobre ele
a xícara ainda quente.

Depois saíste.
Sem pressa,
sem nota.

Ali compreendi
que o não mais profundo
é o que não se escreve.

14. Café solúvel

Ofereceste sem olhar:
duas colheres rasas,
água quente,
e silêncio.

Não era o café que importava,
mas o modo —
preciso, funcional,
sem doçura nem distração.

Bebi com cuidado,
como quem recebe algo
que não foi dado com afeto,
mas ainda assim
veio das tuas mãos.

E por instantes,
fui hóspede
no gesto mínimo
de tua rotina.

15. O brinco que brilhou

Era pequeno,
de metal opaco,
mas brilhou.

Não pela pedra —
mas pelo instante:
teu pescoço voltando,
tua cabeça negando,
tua mão afastando.

Vi o reflexo
antes da recusa.
O gesto veio depois.
O brilho ficou.

E desde então,
qualquer relâmpago breve
me recorda
aquilo que não disse.

16. Garoa na janela

Havia vapor nos vidros,
e teu vulto —
difuso, sereno —
desenhava ausência.

Sentavas perto,
mas o olhar ficava longe,
num ponto sem nome
do outro lado da rua.

Chovia leve,
como quem não quer molhar.
E mesmo assim,
eu soube:
era tarde.

Algumas respostas
se formam
apenas no embaçado.

17. Olhar duro

Não foi grito.
Não foi palavra.
Foi só o olhar —
reto, seco,
sem dobra.

Não durou mais que um segundo,
mas bastou.
Ali se rompeu
o fio invisível
que eu ainda fingia intacto.

Não me acusaste.
Não me chamaste.
Apenas me viste
como se vê um objeto
fora de lugar.

E seguiste.
Com a dignidade
de quem não precisa explicar.

18. A ponte de um só lado

Lancei a palavra
como quem estende uma tábua
sobre o vão.

Ela era firme,
medida,
com o peso exato de quem não implora.

Mas do outro lado,
nenhum passo.
Nenhum eco.
Nem sombra.

A ponte ficou feita,
sozinha.
Com seu arco perfeito
curvado no vazio.

E ali compreendi
o que o amor tem de trágico:
pode ser inteiro
sem jamais alcançar.

19. Nem sim, nem não

Não houve resposta.
Nem recusa clara.
A palavra ficou
no espaço entre duas pedras —
presa, seca.

Esperei dias.
Depois, semanas.
Por fim, apenas deixei de esperar.

Não por orgulho,
mas por entendimento.

Algumas ausências
são recados.
Outras, sentença.

A tua —
foi porta entreaberta
que nunca se abriu.

20. O relógio às seis e doze

Naquela manhã,
o ponteiro parou
às seis e doze.

Não notei de imediato.
Só percebi horas depois,
quando tudo em mim
ainda esperava teu gesto.

O tempo —
aquele tempo —
se recusou a seguir.

Não o corrigi.
Deixei-o ali,
marcando o instante exato
em que compreendi
que tu não virias mais.

Desde então,
consulto-o
apenas por hábito.

O reflexo não guarda a inteireza.
Cada vidro devolve só um fragmento,
um gesto deslocado, uma boca suspensa.
O rosto que se quebra
ainda assim persiste,
como se o caco fosse também testemunha.

III - O Espelho Partido

21. O terceiro copo

Ao segundo,
a voz ainda era tua.
Ao terceiro,
não mais.

Rias com excesso,
como quem quer esquecer
sem conseguir.

Eu via de longe,
sem ser visto.
Não por acaso.
Era escolha.

Na mesa,
um copo vazio,
outro meio,
e um batom na borda
que não era o teu costume.

Ali compreendi:
até a beleza
sabe cair.

22. Persianas de motel

As persianas estavam baixas.
Sempre estão.
É do lugar:
proteger o gesto
da luz que julga.

Não te vi entrar.
Mas soube.
Havia no teu andar
um descuido que não era teu.

E no vidro do carro,
o reflexo de alguém
que não vestia farda,
nem memória.

Não te culpei.
Mas, desde então,
aprendi a diferenciar
o silêncio da vergonha
do silêncio do mistério.

23. Onde o cinto caiu

Era de couro escuro,
bem gasto nas bordas,
com fivela simples.

Foi visto no chão,
entre um par de tênis
e o rastro de perfume
que não combinava contigo.

Não precisou mais.
O gesto inteiro
se revelou no abandono.

Ali o amor soube
que não havia altar,
apenas pressa.

E o que era laço,
virou queda —
sem ruído.

24. O Lugar que não se nomeia

Falaram —
com a crueza dos que não viveram.
Eu, não.
Guardei o nome intacto,
como quem cuida de um livro
que já não se abre.

Há lugares
que se conhecem
pelo gesto de quem volta.

Tuas roupas vinham outras.
Teus olhos — também.

Mas não te chamei.
Nem a ti, nem ao lugar.

Porque há espaços
que se enterram
em silêncio.

E o amor,
quando é digno,
prefere o sepulcro
à exposição.

25. O trigo que murchou

Passava por ti
como se ainda houvesse campo.

Mas os caules vergavam.
O dourado se rompia
antes do toque.

Não houve tempestade.
Foi só o tempo —
sutil, exato —
partindo o talo
pela base.

Tu sorria ainda,
como quem crê
no que já não sustenta.

E eu, sem colheita,
recolhi o olhar
para dentro.

26. Rosto no retrovisor

Foi um instante,
na esquina do domingo.

Teu rosto surgiu
pequeno, distante,
pela moldura curva do espelho.

Não estavas só.
Mas também não estavas inteira.

Falavas,
mas a boca não sorria.
E os olhos —
olhavam adiante,
sem ver.

A imagem se foi
com o carro.
Mas ficou em mim,
como tudo o que se parte
sem barulho.

27. Faróis acesos de dia

Te vi passar
com os faróis acesos —
em plena luz.

Não era erro.
Era aviso.

Tua mão no volante
fingia firmeza,
mas o gesto traía a pressa
de quem já não escolhe caminho.

Atrás, no banco,
algo tombava.
Uma bolsa aberta,
uma blusa caída,
um nome talvez.

Não buzinei.
Não segui.
Apenas soube —
tua rota não incluía
volta.

28. Guardanapo com batom

Veio junto com a bandeja,
dobrado de forma distraída.

No centro,
a marca de um lábio —
vermelho seco,
ligeiramente desviado do vinco.

Era um café qualquer,
num dia comum.
Mas o guardanapo ficou.

Não por desejo,
nem memória.
Ficou como ficam
certos sinais:
sem querer,
sem destino,
mas definitivos.

29. Página em branco

Passei por onde costumavas.
Nada teu.
Nem resto,
nem dobra.

A cadeira estava virada.
O copo, limpo.
A parede — vazia.

Nem poeira ficou.
Era como se nunca
tivesses estado.

E ainda assim,
soube:
teu gesto final
foi não deixar
vestígio algum.

30. Nada se moveu

Voltei ao lugar de sempre,
por hábito.
A porta, igual.
A luz, a mesma.
A cadeira — intocada.

Nada se moveu.
Nem o pano na janela,
nem o som do corredor.

Tua ausência, enfim,
não era mais evento.
Era estado.

E percebi —
não havia mais
o que lamentar.

Entre pedras e entulho,
brotam flores que não pediram rega.
Tudo o que cai guarda uma semente,
mesmo sem querer.
Ruína também é terra,
e o abandono conhece sua própria estação.

IV - O Jardim em Ruínas

31. O banco do parque

Ainda está lá.
Madeira gasta,
ferro com musgo,
certa inclinação no encosto.

Sentava ali sem saber por quê.
Hoje, sei.

Era o lugar onde o tempo não pesava,
onde o gesto de esperar
não parecia vão.

Agora,
sento sem espera.
Apenas por memória.

O banco não mudou.
Fui eu quem deixou
de contar as folhas que caem.

32. Há cravos no entulho

O muro caiu.
O portão, torcido.
O chão — cascalho,
madeira, lascas de tinta.

Mas entre os restos,
cravos vermelhos —
teimosos, retos,
sem ninguém que os regasse.

Não colhi.
Nem fotografei.

Apenas vi,
e compreendi:

alguns afetos
nascem melhor
quando tudo em volta
desmorona.

33. Um véu sem noiva

Estava à venda,
num brechó de esquina.

Branco ainda,
com bordado discreto
e leve cheiro de guarda-roupa.

O dono disse:
"Nunca usado."
Sorriu como quem conta
uma anedota triste.

Não toquei.
Não perguntei.

Mas por instantes,
foi teu —
não por lembrança,
mas por possibilidade.

Depois segui,
como se nunca
tivesse parado.

34. O muro com grafite

Era teu trajeto,
diário, sem pressa.
O muro, apenas cenário.

Um dia, surgiu o desenho:
traço largo,
cor forte,
palavra deformada entre tintas.

Alguém quis dizer algo.
Não a ti,
nem a mim.
Mas ali ficou.

Passei por semanas,
sem saber por quê.

Não era arte.
Era ruína viva.
Como tudo
que insiste em permanecer
sem ser lembrado.

35. Vestígios no azulejo

No café da esquina,
o balcão ainda tinha
azulejos brancos,
com rachaduras discretas
ao redor das tomadas.

Ali, tomavas sempre o mesmo.
Sem açúcar.
Pouca conversa.

Hoje, o lugar mudou.
Outras vozes,
outros nomes.

Mas no canto esquerdo,
a mancha da chaleira
permanece.

Como tudo o que resiste
sem ser lembrado,
mas não se deixa limpar.

36. A cor do perfume

Nunca vi o frasco.
Mas sabia:
era discreto,
com fundo âmbar
e tampa opaca.

O cheiro vinha antes de ti.
E ficava depois.

Não era doce,
nem forte —
mas preciso.

Hoje, às vezes,
cruzo com ele
em ruas que não conheceste.

E por segundos,
a memória se abre
como uma janela que range
sem que ninguém a toque.

37. O guarda-chuva esquecido

Ficou atrás da porta de vidro
num prédio onde cruzávamos
sem nos ver.

Era simples,
de tecido cinza,
com a haste um pouco torta.

Alguém o deixou ali
num dia de garoa.

Nunca voltou.

Por meses,
permaneceu encostado,
como quem ainda espera
ser lembrado
por alguém que já passou.

38. A casa onde não entramos

Havia uma casa no fim da rua,
com jardim limpo
e varanda estreita.

Certa manhã,
cruzei por ela
com o jornal debaixo do braço
e um nome calado na boca.

Tu vinhas do outro lado,
sem me ver,
sem saber.

A casa seguiu entre nós,
como tudo que permanece
sem nos pertencer.

E até hoje,
não sei se ela era tua,
ou só um traço a mais
do que não se deu.

39. Toalha de mesa

Era de linho claro,
com bordado singelo nas bordas.

Foi usada num almoço comum,
com gente que não recordo,
em um dia sem data.

Mas lembro que tu estavas
duas mesas ao lado —
e que dobravas o guardanapo
com lentidão.

Hoje, a toalha está guardada.
Uso outras.
Mas nunca aquela.

Não por dor,
nem apego.
Só porque certas coisas
não se repetem bem.

40. Pedra sobre poema

Foi escrito à mão,
em papel pautado,
sem data nem saudação.

Nunca enviado.
Nunca rasgado.

Guardei dobrado,
entre capas de um livro
que não reli.

Hoje,
ao mover estantes,
encontrei-o ainda ali —
com a dobra firme
e a tinta viva.

Não reli.
Apenas coloquei por cima
uma pedra pequena,
de jardim.

Para que o vento
não leve
o que ainda resiste
quieto.

No fundo, a água espera.
No alto, o vazio responde sem palavra.
Entre um e outro,
o corpo aprende a sustentar sua sede.
Quem olha o poço vê o céu.
Quem olha o céu, encontra o próprio silêncio.

V - O Poço e o Céu

41. O nome que guardei

Nunca te chamei
fora do necessário.

O nome,
embora simples,
guardava mais do que dizia.

Havia nele uma curva,
uma sílaba que hesitava,
um som que pedia
menos voz.

Guardei-o inteiro,
com o cuidado de quem sabe
que certas palavras,
quando ditas,
deixam de ser suas.

42. Espelho de parede

Na sala onde escrevo,
há um espelho antigo
com moldura de ferro.

Não reflete nada de importante:
uma estante,
a quina da porta,
um pedaço do chão.

Mas às vezes,
quando passo por ele,
algo em mim hesita —
como se houvesse alguém
que ficou para trás
e não se move mais.

Não é tua imagem.
É a lembrança
daquilo que, mesmo sem forma,
ainda pesa no vidro.

43. O poço é meu

Não peço mais.
Nem gesto,
nem palavra.

Tudo que havia a oferecer
já foi recusado
em silêncio.

Mas ficou o poço.
Fundo,
limpo,
meu.

Ninguém bebe dele.
Ninguém se inclina.
E mesmo assim,
a água permanece.

Não por sede.
Mas por fidelidade
ao que foi nascente.

44. Luz pela fresta

A porta ficou fechada.
Não trancada —
apenas fechada.

E entre o batente e o chão,
quando o sol gira certo,
há um filete de luz
que atravessa a sombra
sem pedir entrada.

Não aquece.
Não ilumina a sala.
Mas insiste.

E é assim que às vezes,
sem aviso,
teu nome visita o dia
por um canto mínimo
da memória.

45. Aprendi a não chamar

Houve tempo
em que o impulso vinha —
na dobra da tarde,
no soar de um nome próximo.

Mas nunca chamei.
Nem por erro,
nem por fraqueza.

Foi escolha.
E aos poucos,
virou hábito.

Hoje,
quando a lembrança vem,
ela se senta comigo
como alguém conhecido
com quem já não se conversa —
mas não se expulsa.

46. Ela não é mais ela

As pessoas mudam.
E ela também.
Mas não foi isso.

Foi antes.
Quando o gesto quebrou
e o silêncio veio sem volta.

Desde então,
o que ficou
não é ela —
mas o que vi dela
antes da queda.

Hoje,
se me cruzasse com o rosto real,
não o reconheceria.

Porque o que permanece
não envelhece,
não responde,
não pede mais nada.

47. O vento não traz

Por um tempo,
achei que o vento soubesse —
que cruzasse ruas,
subisse escadas,
e trouxesse notícias
sem envelope.

Mas o vento é neutro.
Sopra onde quer,
leva folhas,
derruba portas,
mas não traz ninguém.

Hoje,
quando sopra,
fecho as janelas.

Não por medo.
Por respeito
àquilo que não volta.

48. Capítulo de ninguém

Não escrevi teu nome.
Nem o meu.

As páginas ficaram soltas,
entre um início hesitante
e um fim que não se deu.

Houve cenas,
mas sem fio.
Houve intenção,
mas sem resposta.

Hoje, releio em silêncio
o que nunca foi publicado.

E entendo:
foi só um capítulo —
não teu,
não meu,
mas de algo que passou
sem autoria.

49. Faltava a dor

Esperei que doesse.
Não imediatamente —
mas com o atraso justo
das coisas que importam.

Mas não veio.
Nem corte,
nem peso.

A ausência era limpa,
sem borda,
sem drama.

E então compreendi:
não foi por falta de amor,
mas por excesso de lucidez.

50. Ronize

Guardei teu nome
fora do poema
até onde pude.

Não por vergonha,
nem por orgulho —
mas por zelo.

Agora,
que tudo se assentou,
que a palavra já não busca eco,
e o gesto não espera resposta,
posso dizê-lo.

Ronize.

Sem vírgula.
Sem ponto de exclamação.
Apenas assim:
teu nome
posto no fim,
como quem devolve à terra
o que foi flor
em silêncio.

NOTA BIOGRÁFICA

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*™, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado (2013), Clown (2014), Cartas para Ninguém (2017), Cinza de Bronze (2020), Silêncio Alto (2024) e Antes que Derrubem (2025).* Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

COLOFÃO

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), herdeiro da tradição de Claude Garamont (c. 1480–1561), cuja forma renascentista permanece como resíduo vivo no traço digital.

A tipografia foi escolhida por sua discrição e permanência: cada letra guarda a memória do gesto artesanal e, ao mesmo tempo, abre-se ao suporte eletrônico, como quem habita duas épocas em silêncio.

Assim como a obra, que se sustenta na repetição mínima e na permanência do detalhe, esta fonte retém na dobra de seus contornos a tensão entre sombra e claridade, ruína e permanência, ausência e retorno.